

Ano 4, Vol. IV, Número 2, Jul-Dez, 2020, p. 607-630.

## AUTOCONSCIÊNCIA E AUTORREPRESENTAÇÕES DO SELF ENTRE TRABALHADORES DO MERCADO SEXUAL HOMOERÓTICO SUL-AMERICANO

Epitacio Nunes de Souza Neto  
Normando José Queiroz Viana  
Alexsandro Medeiros do Nascimento  
Antonio Roazzi

**Resumo:** Este estudo avalia estados de autoconsciência e autorrepresentações do self entre trabalhadores do mercado sexual homoerótico Sul-americano. Busca dessa forma, identificar como homens e mulheres que atuam em um campo de trabalho estigmatizado socialmente estabelecem processos de autoavaliação e autovalorização de si. Concebe-se trabalhador sexual, todo e qualquer sujeito que desenvolve atividades laborais em estabelecimentos comerciais vinculados ao mercado do sexo. A investigação aqui proposta se caracteriza como estudo exploratório de base etnográfica, do tipo descritivo e interpretativo, classificada como não experimental e de abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu a partir da observação participante em estabelecimentos comerciais homoeróticos nas cidades de Recife/BR e Buenos Aires/AR; e, entrevistas semiestruturadas aplicadas em de 26 sujeitos, entres brasileiros e argentinos. A análise de dos dados está pautada nas premissas do Modelo da Dupla Hermenêutica, proposta por Giddens. Os resultados revelam uso frequente de estados de autofoco, reflexivos e ruminativos, entre os trabalhadores sexuais, com reflexos significativos sobre o autoconceito e autoestima. Por fim, se evidencia que os trabalhadores sexuais justificam suas inserções no mercado sexual a partir das necessidades financeiras, pelas quais ressignificam suas atuações laborais como dignas e honestas.

**Palavras-Chave:** Mercado Sexual Homoerótico; Trabalhadores Sexuais; Autoconsciência; Autoconceito; Autoestima.

**Abstract:** This study evaluates states of self-awareness and self-representations of the self among workers in the South American homoerotic sex market. The objective is to identify how men and women who work in a socially stigmatized field of work establish self-assessment and self-worth processes. A sexual worker is conceived, any and all subjects who develop work activities in commercial establishments linked to the sex market. The research proposed here is characterized as an exploratory ethnographic study, descriptive and interpretive, classified as non-experimental and with a qualitative approach. Data collection was based on participant observation in homoerotic commercial establishments in Recife / BR and Buenos Aires / AR; and, semi-structured interviews applied to 26 Brazilian and Argentine participants. Data analysis is based on the assumptions of the Dual Hermeneutics Model, proposed by Giddens. The results reveal a frequent use of autofocus, reflective and ruminative states, among sex workers, with significant reflections on self-concept and self-esteem. Finally, it is evident that sex workers justify their insertions in the sex market based on financial needs, by which they re-signify their work activities as dignified and honest.

**Key words:** Homoerotic Sex Market; Sex workers; Self-awareness; Self-concept; Self-esteem.

Este estudo avalia a experimentação de estados de autoconsciência e autorrepresentações do self entre trabalhadores do mercado sexual homoerótico Sul-americano. Identifica como homens e mulheres que se incorporam voluntariamente a um mercado de trabalho considerado imoral e ilegal estabelecem autoavaliações e autovalorações de si; e, quais fatores e contextos estão envolvidos nos processos de autorreconhecimento enquanto trabalhadores sexuais.

O mercado se caracteriza como construção social, reconhecido comumente como espaço de venda e compra; interação e troca; regido por regras e normas, formais e informais, que influenciam as decisões dos atores envolvidos (Piscitelli, Assis & Olivar, 2011). Considerando as mesmas premissas que regula e caracteriza o mercado comum, Agustín (2005) destacou a existência do mercado do sexo, responsável direto pela consolidação do que se denomina na atualidade indústria do sexo (Jeffrey, 2011). É preciso considerar que o mercado sexual, não se constitui unicamente pelas práticas sexuais comerciais, mas, por um complexo e variado conjunto de trabalhos sexuais inter-relacionados que atrai grande quantidade de pessoas que oferecem e consomem sexo; bem como, pela imensa variedade de serviços sexuais dirigidos aos desejos de clientelas específicas, formadas por sujeitos de todos os tipos, gostos, idades, identidades, classe sociais, nacionalidades, culturas e religiões (Zveiter, 2017; Piscitelle, 2005).

Neste mercado, serviços e produtos são produzidos e ofertados de maneira estratificada em atendimento às especificidades das demandas dos distintos clientes, de ambos os sexos, sejam estes heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais ou mistos (Agustin, 2005; Piscitelli, 2005). A partir destes mesmos pressupostos Souza Neto (2018) propôs a existência e crescimento de um mercado sexual homoerótico, ramo econômico distinto e originário do mercado do sexo, dirigido quase que exclusivamente às pessoas homossexuais. O mesmo se estrutura e organiza subdividido em dois micros segmentos que se guiam a partir das categorias de gênero – homossexuais masculinos e femininos. Apesar de sua amplitude contemplar as diferentes identidades, este estudo se concentra exclusivamente no campo do masculino.

Na atualidade o mercado sexual, como o mercado sexual homoerótico, têm se configurado como campo de trabalho legítimo, consolidado a partir das relações diretas

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

entra a oferta e a procura por trabalho, em épocas e lugares determinados (Ferreira, 2014; Barreto, 2013). Assim, são as pessoas e as empresas que, em diferentes épocas e espaços têm contribuído para o surgimento e as condições adequadas à comercialização do sexo também entre homens. Não se pode negar que, para muitas pessoas o mercado sexual homoerótico tem se apresentado como, possível, viável e imediato mercado de trabalho, temporário ou permanente, e que tem sustentado uma poderosa indústria sexual homoerótica mundo a fora (Souza Neto & Viana, 2019).

Empreendimentos e estabelecimentos comerciais que compõem o mercado sexual homoerótico, igual ao que ocorre no mercado do sexo, comumente se anunciam como espaços de entretenimento e laser. Entre estes estão incluído, bordéis, motéis, pensões, boates, saunas, bares, cinemas pornôis, clubes de streppetise, entre tantos outros, que se organizam a partir dos segmentos populacionais que consomem os serviços e produtos sexuais ofertados (Souza Neto, 2018; Barreto, 2013; Jeffreys, 2011; Chejter, 2011; Musto & Trajtenberg, 2011). Nestes estabelecimentos atuam duas categorias profissionais distintas: os “*trabalhadores do sexo*”, denominação usual para mulheres, homens e travestis que exercem a prostituição de forma consciente e voluntária (Piscitelli, 2005); e, os “*trabalhadores sexuais*”, alcunha que cabe a todo e qualquer sujeito que desenvolve atividades laborais em tais espaços comerciais, com ou sem vínculos empregatícios. Independente das distinções e especificidades ressalta-se que ambas as categorias atuam em atendimento aos desejos e solicitações dos clientes, já que os trabalhadores sexuais compõem as equipes de apoio aos trabalhadores do sexo (Souza Neto & Viana, 2019; Souza Neto, Brasesco & Viana, 2019).

Cotidianamente os trabalhadores sexuais são alvos de preconceitos e discriminações por parte da sociedade, que tende a classifica-los como “vadios desclassificados”, “imorais” e “indecentes”. Estes estigmas vinculados ao trabalho em um mercado concebido como ilegal e clandestino, parece contribuir para que os mesmos experiementem estados de autoconsciência reflexiva, e muitas vezes, ruminativa, impactando as autorrepresentações de si. Neste sentido, ressalta-se que a autoconsciência se estabelece como processo de autoavaliação experimentado pelos indivíduos, e pelo qual dirigem o foco de sua atenção ao autoaspecto do self (Nascimento & Roazi, 2013).

Estes estados atencionais possibilitam que os sujeitos comparem a qualidade do autofoco aos padrões de correções sociais introjetados ao longo da vida, o que significa que a autoconsciência se estabelece como sistema cognitivo que permite ao self dirigir a atenção para si mesmo, viabilizando estados de automonitoração e autorregulação (Duval & Wicklund, 1972). Enquanto importante parâmetro cognitivo central, a autoconsciência se revela fundamental à estabilidade do self e da cognição, e por extensão, do bem-estar psicológico (Morin, 2004; Jiménez, 1999). Enquanto dimensão da consciência, a mesma se evidencia como responsável pela a estruturação e regulação do autoconceito, entendido como conhecimento de si. Em termos mais gerais, autoconceito pode ser compreendido como a percepção que o sujeito constrói e tem de si, considerando questões específicas como atitudes, sentimentos e autorreconhecimento de suas capacidades, competências, aparência física e aceitabilidade social (L'Écuyer, 1985).

As percepções de si e o autoconhecimento são diretamente influenciados tanto pelas próprias experiências dos indivíduos, vivenciadas em variados contextos ao longo de suas vidas (família, escola, grupo de pertença, etc.), como pelas interpretações que fazem dessas experiências, e ainda, dos reforços e avaliações que os outros significativos fazem acerca de seus comportamentos (Nascimento, 2010). O autoconceito está diretamente associado à autoestima, caracterizada como autoavaliação mais afetiva que um sujeito faz sobre as próprias capacidades e competências, sejam estas de ordem física, cognitiva ou subjetiva (Rosenberg, 1965).

Assim, como fundamentais dimensões do self, autoconceito e autoestima se revelam essenciais à construção de si. Deve-se considerar que a imagem que um sujeito constrói acerca de si mesmo se constitui aspecto imprescindível ao desenvolvimento sócioemocional, já que influencia decisivamente sua maneira de interagir e se relacionar com os outros e consigo mesmo (Bigas, 2016). É a partir destes pressupostos que somos motivados a refletir sobre como os sujeitos que atuam no mercado sexual homoerótico Sul-americano experimentam estados de autoconsciência e autorrepresentações do self; e, como estes estados de autofoco impactam o autoconceito e autoestima.

Nossa proposta é pensar sobre como homens e mulheres desenvolvem autoavaliações e autovalorações de si, considerando suas vinculações e exercícios laborais em um mercado de trabalho estigmatizado e discriminado socialmente. Para

tanto, partimos da hipótese de que através do processo de ressignificação do trabalho, estes sujeitos passam a conceber o exercício laboral no mercado sexual como digno e honrado, pelo qual suprem as necessidades de sobrevivência e sustento familiar, o que os torna também dignos e honestos, igual a qualquer outro trabalhador que atue nos demais segmentos econômicos. Estes processos de ressignificação do trabalho, e também de suas autorrepresentações, somente são possíveis a partir dos processos de autorreflexão.

### **Mercado Sexual Homoerótico e Trabalho**

Igual ao mercado do sexo, a totalidade, complexidade e extensão do mercado sexual homoerótico se mantêm ainda invisível à sociedade e, de certo modo, à academia científica, especialmente devido a equivocada tendência de restringi-lo a prostituição masculina, especialmente a exercida nas ruas (Souza Neto, 2018; Souza Neto & Rios, 2015; Musto & Trajtenberg, 2011). Contudo, a melhor compreensão de suas dinâmicas e contextos exige considerar o mesmo jogo de oferta e demanda pelo qual se estabelece a troca de sexo por dinheiro, tão inerente às prostituições femininas (Correia, 2019; Silva, 2018; Fávero, Silva & Pedro, 2010; Farias 2010). O mercado sexual homoerótico não pode ser também reduzido à prostituição, uma vez que, de maneira geral, o próprio termo mercado sexual produz uma referência direta as diferentes modalidades do sexo pago, que podem ou não ter conotações de prostituição (Piscitelli, 2005).

Ressalta-se que o trabalho sexual tem envolvido grande quantidade de pessoas, de ambos os sexos e diferentes identidades, níveis de escolaridades e formação profissional, estados civis, religiões, raças/etnias, nacionalidades e culturas (Jeffrey, 2011). Tanto no mercado sexual homoerótico como no mercado do sexo, essas pessoas atuaram como, empresários, administradores, advogados, engenheiros, diretores de arte, cantores, atores, dançarinos, recepcionistas, bilheteiros, garçons, auxiliares de serviços gerais, eletricitas, mecânicos, bombeiros, seguranças, entre tantos outros cargos, compondo a categoria de trabalhadores sexuais. Neste conjunto de ocupações profissionais se incluem ainda os estripes, gogo-boys e gogo-girls que não exercem a prostituição.

Salienta-se que o século XX tem demarcado o crescimento vertiginoso dos mercados sexuais como legítimos campos de trabalho, bem como, consolidado suas representações como segmentos econômicos mundiais, pelos quais os países ricos

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

passaram a explorar a força de trabalho tanto de mulheres como de homens de países mais pobres, seja a partir da prostituição em si, do turismo sexual, da pornografia ou do tráfico de seres humanos para fins de prostituição, o que os configura como nova forma de colonialismo social (Jeffrey, 2011). Essa direta integração da indústria do sexo ao capitalismo global tem exigido estudos e pesquisas mais amplas, especialmente relativas à participação dos homens como sujeitos prostituídos e explorados sexualmente, bem como, acerca das transformações que o trabalho sexual tem produzido sobre os sujeitos. Essas reflexões precisam, sobretudo, enfatizar questões relativas às responsabilidades dos governos (Silva, Souza Neto & Viana, 2018; Jeffreys, 2011; Pscitelli, 2011).

Estudos em diferentes áreas do conhecimento e em distintas épocas têm destacado os significados do trabalho em diferentes contextos. Ou seja, os sentidos e significados atribuídos ao exercício laboral têm inspirado concepções particulares, originárias das experiências dos sujeitos, ao passo que se revelam como percepções socialmente construídas (Borges, 2007). É a partir das vivências particulares que os indivíduos constroem suas percepções, conhecimentos e significados acerca de si, e também sobre o mundo. Todavia, tal construção apesar de ser individual, é também um processo eminentemente social, uma vez que se estabelece no interior de um conjunto compartilhado de crenças, valores e sentido que definem o contexto cultural em que as inter-relações entre indivíduos e grupos ocorrem e se efetivam (Paiva et al, 2020).

Neste sentido, os resultados ou produtos valorizados do trabalho estão diretamente relacionados com as finalidades que as atividades laborais podem possuir para os sujeitos, respondendo a indagação sobre os motivos pelos quais se trabalha (Bastos, Pinho & Costa, 1995). A valorização do trabalho tem se convertido em importante componente motivacional ao exercício laboral, permitindo refletir sobre o que torna os indivíduos mais ou menos satisfeitos com suas ocupações laborais, e também, o que torna uma situação de trabalho mais atrativa que outra (Dejours, 2004). Ao discutir a relação entre dinheiro e sexo comercial, por exemplo, Russo (2008) salienta que as formas e conteúdos da prostituição como fenômeno sociocultural e histórico, vão mais além da racionalidade, do cálculo e dos elementos matemáticos presentes. Assim, a análise das relações comerciais sexuais nos permite entender de forma mais concreta o processo de transformação das relações e encontros entre os seres humanos, particularmente no que

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

se referem à afetividade, estilos de vida, amor, e como este último passa a ser ressignificado.

Ressalta-se que no contexto das prostituições o dinheiro será sempre transformado em mediador das relações, configurando-se como ponto focal à meta do ato de se prostituir, no qual ao trocar sexo por dinheiro, o macula e o justifica ao mesmo tempo (Elias et al, 2018; Silva, 2018). Deve-se considerar que a concepção de trabalho compreende uma complexa inter-relação de tarefas, papéis, responsabilidades, incentivos e recompensas (Locke, 1976), o que o configura como uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza. Ou seja, o trabalho deve ser entendido como um ato de transmitir significado à natureza, de transformá-la, e utilizá-la para uma determinada finalidade (Codo, 1997). É no contexto das identidades que o trabalho se revela fundamental à construção das autorrepresentações do self, especialmente no que se refere ao autoconceito e autoestima (Barreto, 2013; Silva, 2006; Costa, 2002). Assim, todo trabalho se revela como elemento produtor de prazer, estado de satisfação que pode ser interrompido a qualquer instante, transformando-se em desprazer e sofrimento (Dejours, 1992).

Se no início do século passado o trabalho estava marcado pela divisão de tarefas, tempos e movimento necessários à execução de um determinado trabalho, a partir de uma concepção mais taylorista; na atualidade as reflexões sobre o mesmo têm exigido análises mais amplas tanto a acerca do trabalho pensante e não automatizado, como do trabalho compartilhado e não compartimentalizado, assim como sobre a democratização dos processos decisórios (Correia, 2019; Zveiter, 2017). O foco da análise está na qualidade, que não envolve apenas o produto final, mas, toda a sua execução e relação entre os sujeitos e que estes produzem. Ou seja, pensar o trabalho hoje é pensar o vínculo sujeito-objeto-significado, relação que precisa gerar prazer para garantir a saúde do trabalhador e a qualidade de seu trabalho (Costa, 2002). Assim, é preciso ater-se a importância das percepções individuais (autoconceito), no comportamento dos sujeitos no que se refere à satisfação com, e no contexto do trabalho (Souza & Puente-Palacios, 2011).

Autoconceito representa o conjunto de percepções de um sujeito, incluindo suas potencialidade e fraquezas, reconhecidas como características descritivas de si mesmo e de sua identidade (L'Ècuyer, 1985). Esse autoconhecimento tem origem nas relações que

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

o mesmo estabelece com o outro, e com o meio ambiente em geral, incluindo o mundo do trabalho. Compreende-se assim, que o trabalho quando produz prazer, satisfação e reconhecimento social, favorece os estados de autoconsciência reflexiva, com efeitos positivos sobre o autoconceito e a autoestima. Ao contrário, ao gerar frustração e sofrimento, o trabalho provoca estados de autoconsciência ruminativa, desencadeando sentimentos e percepções negativas sobre as autorrepresentações de si (Nascimento & Roazi, 2013), como muitas vezes verificadas entre trabalhadores sexuais e trabalhadores do sexo (Fáveri, Silva & Pedro, 2010; Silva, 2006).

A literatura especializada evidencia que as investigações sobre a mercantilização do sexo têm frequentemente enfatizado as situações de violência derivadas da exploração da força de trabalho das mulheres prostituídas ou que exercem a prostituição de forma consciente e voluntária. O foco também tem se concentrado na vinculação do mercado sexual tanto ao fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes, especialmente do sexo feminino. Destacam-se ainda as pesquisas sobre o tráfico de seres humanos para fins de prostituição, pornografia e turismo sexual, contextos nos quais se configuram os agenciamentos, aliciamentos, trânsitos migratórios, subjugações e situações de extrema violação de direitos, geralmente promovidas por poderosas redes de contravenção que compõem a indústria do sexo (Silva, Souza Neto & Viana, 2018; Zveiter, 2017; Piscitelli, 2011; Cestje, 2011; Jeffreys, 2011; Fáveri, Silva & Pedro, 2010). A maioria destas análises partem da vida, experiências, percepções, construções de sentidos, contextos e dinâmicas dos trabalhadores do sexo. Contudo, pouco se têm investigado as experiências dos trabalhadores sexuais (Souza Neto & Viana, 2020; Souza Neto, 2018; Viana, 2010; Souza Neto, 2009).

Especialmente nos estudos sobre a consciência, consideradas ainda “muito limpas”, destaca-se a ausência de explorações científicas mais concretas acerca da autoconsciência e autorrepresentações do self, incluindo suas principais dimensões, autoimagem, autoconceito, autoestima e autorreconhecimento, entre trabalhadores sexuais que atuam nos mercados sexuais. Menos ainda se investiga os impactos ou influências do trabalho sexual sobre tais dimensões psíquicas, talvez por se considerar que a significativa quantidade de homens e mulheres que desenvolvem atividades laborais

nos espaços dirigidos ao entretenimento e prazer sexual não possuem importância ou relevância à sociedade.

### **Método**

Este estudo tem como principal objetivo avaliar os estados de autoconsciência e autorrepresentações do self entre trabalhadores sexuais que atuam no mercado sexual homoerótico Sul-americano. Busca ainda, identifica como homens e mulheres que se incorporam voluntariamente a um mercado de trabalho concebido no senso comum como marginal e imoral, estabelecem autoavaliações e autovalorações de si; e, quais fatores e contextos estão envolvidos nos processos de autorreconhecimento enquanto trabalhadores sexuais. Para tanto considera as experiências e vivências, subjetividades e autopercepções por parte de quem atua nos estabelecimentos comerciais formais e informais que compõem o mercado sexual homoerótico das cidades de Recife, no Brasil, e Buenos Aires, na Argentina.

A investigação se caracteriza como estudo exploratório de base etnográfica, pautada nas premissas dos modelos descritivos e interpretativos, e classificada como não experimental a partir de uma abordagem qualitativa. Assim, territórios, culturas, cotidianos, representações, relatos e discursos dos atores sociais nos serviram como objetos de investigação e subsidiaram a construção das hipóteses. Ressalta-se que aos pesquisadores que adotam uma dimensão mais fenomenológica em seus estudos, interessa entender os fenômenos sociais a partir da própria perspectiva dos sujeitos investigados, examinando o modo como experimentam a realidade tal como vivenciam (Taylor & Bogdan, 1994). Tal perspectiva coaduna com nossos objetivos, uma vez que não existe a possibilidade de se refletir sobre o mercado sexual sem antes pensar nas pessoas, em suas representações e construções de significados, com os quais constroem suas trajetórias de vida cotidiana.

A coleta de dados envolveu técnicas específicas de investigações etnográficas, incluindo: observação participante, que possibilitou identificar a configuração e dinâmica do mercado sexual homoerótico nas duas cidades; e, entrevistas semiestruturadas, com foco biográfico, que serviram para reconstruir a história dos trabalhadores sexuais, desde suas inserções no mercado sexual até os dias atuais (Bogdan & Taylor, 1994). Salienta-

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

se que o estudo em questão é parte constitutiva de uma pesquisa mais ampla sobre prazeres e sofrimentos dos trabalhadores sexuais que atuam no mercado sexual homoerótico Sul-Americano, concluída em 2018. A amostra geral foi composta por 26 sujeitos, todos maiores de 18 anos de idade, profissionais vinculados a estabelecimentos comerciais que integram o mercado sexual homoerótico das referidas cidades. A análise de dados está pautada no modelo interpretativo da dupla hermenêutica, proposta por Giddens (1984), pela qual se busca revelar o sentido que os próprios sujeitos constroem a partir de suas ações, validado no sentido do que especialistas providos de referências teórico-metodológicas, constroem acerca das ações e das interpretações de nossos interlocutores (Geertz, 1989).

Relativo à relevância do estudo destaca-se que sua pertinência concentra-se na importância de se refletir sobre como se efetiva a organização das redes de significados e autorrepresentações de si dentro do mercado sexual latino-americano; assim como, identificar como e quais circuitos integrados marcam os fluxos, trânsitos e fronteiras, nos cotidianos que contribuem e/ou influenciam a estruturação da autoconsciência, autoconceito e da autoestima entre homens e mulheres que atuam nos estabelecimentos comerciais que compõem o mercado sexual. Espera-se contribuir efetivamente para evidenciar a necessidade de se definir e implementar políticas públicas dirigidas à garantia de direitos dos trabalhadores sexuais, bem como dos trabalhadores do sexo.

Destaca-se que durante toda a investigação foram observados os aspectos éticos, de acordo com as normas de pesquisas com seres humanos. A coleta de dados somente foi iniciada após aprovação do estudo pelo Comitê de Ética da Universidad del Salvador – USAL, Buenos Aires, Argentina. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, bem como acerca da importância de suas participações voluntárias, de forma livre e consentida.

### **Resultados e Discussão**

O mercado sexual homoerótico Sul-americano tem congregado grande quantidade de pessoas, de ambos os sexos, e das mais variadas identidades de gênero, idades, raça/etnia, classes econômicas, níveis de escolaridade, estados civis, nacionalidades e culturas. Esses atores sociais têm atuado como empresários, gerentes, administradores,

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

produtores culturais, garçons, bilheteiros, recepcionistas, agentes de segurança patrimonial, bombeiros, figurinistas, maquiadores, dançarinos, gogo-boys, streppers, massagistas, entre outros cargos, com ou sem vínculos empregatícios com os estabelecimentos comerciais a que estão vinculados.

Dentre os estabelecimentos que compõe o mercado sexual homoerótico, tanto em Recife como em Buenos Aires, destacam-se os hotéis; motéis; pensões; lojas de sex-shops; salas de vídeos, com ou sem cabines para interações sexuais; boates; saunas; cinemas pornô; clubes de streepers; casas de swing; casas de massagem; bordéis e casa de prostituição, além de bares e restaurantes, dirigidos quase exclusivamente ao entretenimento e prazer sexual dos homossexuais, e onde se evidencia grande frequência dos trabalhadores do sexo. Considerando os contextos e dinâmicas, evidencia-se que tanto os trabalhadores do sexo como os trabalhadores sexuais atuam em atendimento aos desejos e solicitações dos clientes. Os trabalhadores sexuais compõem equipes de apoio, possibilitando a logística e as condições necessárias à efetivação das práticas sexuais comerciais, que podem ocorrer ou não nas instalações dos próprios estabelecimentos (Souza Neto, 2018).

Entre os trabalhadores sexuais é possível identificar a constante efetivação de estados de autoconsciência reflexiva, pelos quais avaliam seus valores morais e capacidade e competências profissionais de forma mais propositiva. Contudo, em algumas situações, os estigmas (Hoffman, 1988) e discriminações sociais vinculados ao trabalho que executam parecem contribuir para que experimentem também estados de autofoco do tipo ruminativo, que tender promover dúvidas, inseguranças e sofrimento: *“Eu gosto daqui, gosto do meu trabalho. Às vezes me sinto valorizada, mas às vezes os clientes me tratam como uma puta qualquer. Aí eu paro e penso: poxa, não é nada disso [pausa]. E isso incomoda, e abala a autoestima”* (Sujeito 06 – 36 anos, Recepcionista, Feminino, Heterossexual, Divorciada, Psicóloga, Brasileira).

A autoconsciência enquanto processo de alta ordem cognitiva, parece possibilitar a esses sujeitos a efetivação de reflexões sobre si mesmo a partir dos processos autorrepresentacionais pautados nas diferentes modalidades de codificação cognitiva (Duval & Wicklund, 1972). Assim, as modalidades de autorreflexão parecem favorecer para que os trabalhadores sexuais estabeleçam em seu interior a replicação e extensão no

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

tempo dos mecanismos sociais e físicos de autofoco, possibilitando que a autoconsciência se estabeleça também fora de interações sociais e transforme o próprio self em uma rica fonte de autoconhecimento (Morin, 2002): *“Meus vizinhos acham que sou prostituta, porque chego de madrugada em casa. Dizem que trabalho na boate para me prostituir. Porém, isso não me importa! Não me incomoda que pensem ou digam de mim. Eu sei o que sou. Para trabalhar na noite, você precisa ter uma personalidade muito forte, pra que os clientes e as pessoas vejam que este é seu trabalho, e não confundam as coisas”* (Sujeito 06 – 36 anos, Recepcionista, Feminino, Heterossexual, Divorciada, Psicóloga, Brasileira).

As discrepâncias entre como estes sujeitos se percebem e como são percebidos socialmente provocam flutuações de humor, com impactos significativos nas autorrepresentações do self. Em algumas situações, a pressão social se revela potente fator de reprovação moral, especialmente entre os trabalhadores mais jovens, (Monteiro ET AL, 2017; Pereira et al, 2020), influenciado inclusive suas tomadas de decisão relativa a se permanece ou não vinculado aos estabelecimentos comerciais: *“Eu vim para cá por que preciso pagar a universidade e não tenho muita experiência profissional. É meu primeiro emprego, e eu gosto. Mas, é muito difícil [pausa]. As pessoas não respeitam e não entendem. As pessoas têm muito preconceito ainda com quem trabalha nestes espaços. Não sei se vou aguentar [pausa]. Também não quero mais ficar muito tempo”* (Sujeito 02 – 23 anos, Bilheteiro, Masculino, Homossexual, Solteiro, Universitário, Brasileiro).

Estes discursos salientam os impactos do trabalho sexual tanto na formação da identidade quanto na estruturação do autoconceito destes sujeitos. Neste aspecto, é preciso considerar que algumas atividades laborais são socialmente marginalizadas. Por estar vinculado à prostituição e a homossexualidade, o trabalho destes indivíduos é duplamente estigmatizado, visto no senso comum, como *“sujo”*, *“degradante”*, *“humilhante”* e de menos valor, o que tende a promover sofrimento e dor, afetando não apenas as identidades (Pereira et al, 2020), mas especialmente as autorrepresentações do self, com prejuízos significativos para o autoconceito e autoestima.

A partir de suas experiências é possível verificar que ao se vincular ao self, a autoconsciência promove a regulação e estruturação do autoconceito, que se estabelece

**RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806**

como produto estrutural de atividades reflexivas, propenso a mudanças sempre que o indivíduo se depara com novos papéis, solicitações do meio e/ou enfrentam transições da vida (Demo, 1992): *'Trabajo directamente con personas, y a esta altura he aprendido como lidiar y manejar determinadas circunstancias. Aprendí a negociar y a dar solución a todo lo que se me presente. Me gusta ser una persona expeditiva y que encuentra siempre lo que necesita la otra persona. Y en la medida que esté en mis manos, no dudo en hacerlo y así encuentro la forma (Sujeto 21 – 35 años, Jefe de Front Office en Hotel, Masculino, Homosexual, Soltero, Católico, Nivel Terciario, Peruano/Argentino).*

Os dados reafirmam a compreensão de que a estruturação da autoavaliação tende a se tornar mais favorável através do tempo, e especificamente entre os trabalhadores sexuais, com a aquisição da experiência profissional. Segundo Trapnell e Campbell (1990), o autoconceito possui uma base móvel, a partir da qual se originam flutuações contextuais, o que favorece para que se consolide como um conjunto de autoestruturas que se traduzem em atitudes relativamente estáveis e em características que compõe a personalidade do próprio indivíduo.

A autoimagem e o autorreconhecimento dos trabalhadores sexuais se revelam ainda impactados pelas representações do senso comum, pelas quais a vida noturna pertence aos “degradados”, “desregrados”, “inválidos”, “bêbados”, “maconheiros”, “prostitutas” e “marginais”. Como supõe o ditado popular, *“à noite, todo gato é pardo”*, reafirma-se a extensão dessas representações às condutas, caráter, comportamentos e estilos de vida de quem labora no mercado sexual. Tanto que frequentemente os participantes salientam situações vivenciadas, onde são confundidos ou equiparados aos operadores da prostituição tanto por parentes, amigos e vizinhos, como, especialmente, pelos clientes dos estabelecimentos em que trabalham: *A mí me pasó una vez que un huésped estaba buscando un servicio de taxi-boy, y al no conseguirlo llamó a la recepción y dijo que no quería pagar la plata que le cobraba el taxi-boy, ya que él solo quería que le practicasen el sexo oral. Y seguidamente me dijo: ¿Usted no se animaría? ¿O alguno de sus demás compañeros? La verdad, el ofrecimiento tan natural que hizo el huésped me sorprendió muchísimo. Entonces le informé que ninguno de nosotros estaba interesado. ¡Pero sí es muy común las indirectas y las insinuaciones para tener sexo o*

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806*  
*salir! (Sujeito 21 – 35 anos, Chefe de Recepção, Masculino, Homossexual, Solteiro, Católico, Administrador, Peruano/Argentino).*

Morin (2004) ressalta que recentes investigações têm revelado que indivíduos com altos níveis de autoconsciência desenvolvem uma percepção mais precisa e exata de suas experiências subjetivas, e por extensão, um maior conhecimento de si mesmos, o que garante que enfrentem com maior facilidade o rechaço social. Ou seja, a partir do autorreconhecimento, tais indivíduos se mostram mais precisos ao fazer inferências sobre os estados mentais dos outros, mediando uma teoria da mente, pela qual conseguem operar uma espécie de melhoria em suas capacidades adaptativas através do ambiente, tais como as operações de autocontrole, autoavaliação, introspecção e tomadas de decisão.

Especialmente entre os sujeitos que trabalham com produção de espetáculos e eventos para saunas e clubes noturnos, a associação de suas atividades laborais se estende a cafetinagem. Para muitas pessoas, inclusive clientes e proprietários dos estabelecimentos comerciais, quem recruta, seleciona ou gerencia a carreira de dançarinos, gogo-boys e strippers, também agencia os programas sexuais dos mesmos. Segundo estes profissionais, são frequentes as situações em que são confundidos ou rotulados publicamente como intermediários ou aliciadores que vivem da exploração da prostituição masculina. *“No começo, muitas pessoas, a maioria, que não participa da noite, sempre associava meu trabalho com a prostituição. Como já te disse, somos confundidos com cafetões dos garotos” (Sujeito 07 - 40 anos, Promotor de Festas, Masculino, Homossexual, Solteiro, Católico, Funcionário Público, Brasileiro).*

As ofensas e violências dirigidas aos trabalhadores sexuais se mostram pautadas em rígidas representações dos papéis de gênero. Enquanto as mulheres são classificadas publicamente como prostitutas, os homens, por sua vez, são acusados de proxenetismo, vistos como os operadores da exploração sexual. Ambos serão excluídos em certos círculos sociais, e também temidos por contrariar as “regras do bom costume” (Paiva, et al, 2020). Neste contexto, os trabalhadores sexuais salientam grandes preocupações com a associação direta de suas atividades laborais com a ilegalidade. Cabe ressaltar que a prostituição por livre decisão e escolha do operador é classificada como profissão no Brasil e na Argentina, bem como, em muitos outros países (Zveiter, 2017). Contudo, a

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

cafetinagem, o aliciamento e a exploração sexual, se configuram como contravenções, passíveis de penalidades legais. *“Creo que hay una gran cantidad de personas que todavía unen esta parte de mi trabajo con la prostitución, con el proxenetismo de los gogo-boys y taxi-boys. Piensan que yo agencio a los chicos para bailar y para llevar a cabo programas con los clientes, por lo cual recibo dinero por ello. Esto no ocurre en la realidad. ¡No es eso! (Sujeito 24 - 30 anos, Produtor Cultural, Masculino, Bissexual, Católico, Administrador, Argentino).*

Em certa medida, os incômodos derivados da associação do trabalho sexual com o exercício da prostituição, ou ainda, sua concepção de atividade sem valor social, ilegal, marginal e imoral, contribui para que alguns destes sujeitos desenvolvam estados de autoconsciência ruminativa, pelos quais buscam negar para si próprios suas posições de operadores do mercado sexual. *“Aqui no bar? Não. Aqui não. Como falei só o pessoal daqui do entorno. Eles sim têm essa prática. Quando os michês vêm para este bar, eles não vêm para ter relações sexuais, não vêm caçar clientes. Eles vêm em grupo, pra se divertir, como qualquer outro cliente. Eles chegam, sentam em uma mesa, falam idiotices, bebem cerveja, comem algo, se divertem e vão embora” (Sujeito 01 - 55 anos, Garçon, Masculino, Homossexual, Divorciado, Diretor Teatral, Brasileiro).*

A adoção do estatuto de *“cliente comum”* aos trabalhadores do sexo, reais operadores da prostituição, parece objetivar o afastamento dos estabelecimentos comerciais das implicações legais, bem como, evitar os estados de autofoco ruminativo, pelos quais experienciarão incômodos e desconfortos diante do autorreconhecimento enquanto agentes ativos do comércio sexual. Contudo, ressalta-se, que os garotos de programa (Souza Neto, 2009) ou michês, além de importantes e habituais consumidores dos produtos e serviços destes estabelecimentos, pelos quais pagam, em geral, terminam funcionando como chamariz ou impulsionadores estratégicos de seus lucros. Muitos destes estabelecimentos se utilizam dos trabalhadores para atrair maior público. Em troca, eles circulam livremente pelos espaços, buscando por potenciais clientes, homens ou mulheres que buscam na noite, além da diversão, também prazer sexual (Souza Neto, 2018; Viana, 2010; Souza Neto, 2009).

Os trabalhadores sexuais buscam ainda desvincular seus trabalhos do mercado sexual homoerótico, muitas vezes, alegando total ignorância acerca de sua existência.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

Entre alguns dos participantes, por exemplo, destaca-se uma deliberada tentativa de se manterem, até certo ponto, emocionalmente distantes dos clientes. Acreditam que ao eliminar ou limitar as afetividades das relações e interações, controlam ou minimizam as confusões por parte dos clientes. O não “se misturar”, parece funcionar como estratégia pela qual buscam desassociar suas imagens do sexo comercial, diminuindo os impactos promovidos pelas autorreflexões ruminativa sobre as próprias condutas morais e comportamentos.

Em algumas situações, os discursos evidenciam a compreensão de que somente os clientes são responsáveis pela dinâmica, estruturação e consolidação do mercado sexual, e que suas estadias ou permanências são devidamente justificadas pela “*necessidade de trabalhar*”, e assim, assegurar tanto a própria sobrevivência como o da família: “*Sem trabalho não há continuidade da vida, não é isso? Por isso tem que trabalhar. Durante a semana trabalho como empregada doméstica e a noite eu venho pra cá. É bem cansativo, mais eu gosto. Gosto de trabalhar aqui. E o dinheiro extra é sempre importante. A noite é pesada, mas as mulheres são fortes [risos]. E quando se quer se resolve tudo. É isso que eu acho*” (sujeito 14 – 43 anos, Segurança Patrimonial, Feminino, Heterossexual, Casada, Ensino Fundamental II, Brasileira).

Enquanto provedor das necessidades básicas, o trabalho executado no mercado sexual é ressignificado, passando a ser concebido como “*honesto*” e “*digno*”, tanto quanto qualquer outra atividade laboral desenvolvida nos demais segmentos econômicos formais: “*Minha família é de uma cidade pequena, longe da capital [pausa]. Eles vivem no velho mundo. Tudo pra eles é pecado. Mas, para mim, não acredito que haja nenhum pecado em trabalhar aqui. Pecado é não trabalhar, não fazer nada*” (Sujeito 14 – 43 anos, Segurança Patrimonial, Feminino, Heterossexual, Casada, Ensino Fundamental II, Brasileira). Confirma-se dessa forma, que o trabalho se revela fundamental não apenas a construção da identidade, como também importante elemento estruturador do autoconceito e manutenção da autoestima elevada.

Em algumas situações constata-se a experimentação de estados atencionais do tipo reflexivo como o objetivo de consolidar a compreensão do trabalho desenvolvido como dissociados da ilegalidade e imoralidade. Nestes casos, parece haver maior investimento e concentração de energia psíquica na busca por garantir um autorreconhecimento de si,

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806*

fortalecendo tanto o caráter pessoal como profissional: “*¡No hay trabajo equivocado! El pecado está en la cabeza de la gente mala. A través mi trabajo también me encuentro con Dios. Y la forma en la que lo hago sólo me interesa a mi*” (Sujeito 25 - 22 anos, Stripper/Massagista, Masculino, Heterossexual, Universitario, Argentino).

As representações da prostituição masculina como única atividade do mercado sexual homoerótico, muitas vezes, se revelam fortemente introjetadas também entre trabalhadores sexuais, pelas quais negam socialmente e, especialmente, para si próprios a não subsistência ou dependência do comércio do sexo. Estes discursos se evidenciam mesmo entre os sujeitos que atuam em saunas, cinemas pornô, motéis, casas de swings, nos quais as práticas sexuais comerciais são mais frequentes, ou representam a principal atividade econômica do estabelecimento: “*!No, de ninguna manera! Somos honestos. Estos establecimientos no son parte no. Aquí no. Sólo las personas que asisten. Pero no tenemos nada que ver con ellos. Sólo estoy aquí porque no hay otra manera, ¿sabes?*”. (Sujeito 11 - 55 anos, Comerciante Autônomo, Feminino, Heterossexual, Nivel Médio, Argentina).

Em outras situações, estes sujeitos tentam, inclusive, desvincular suas ações e funções dos próprios estabelecimentos comerciais com os quais mantem relações de emprego formal. Tal conduta parece também funcionar como estratégia de subjetivação capaz de diminuir os impactos nas autoconcepções de si, promovidos pela autoconsciência ruminativa: “*Mi familia normalmente se lleva bien con el tema. Por lo tanto [pausa]. Porque saben de mí. De mi naturaleza [pausa]. Yo sé lo que quiero, y sé que no me mezclo, ¿verdad? Porque soy una persona muy segura. Por lo tanto, creo que todo trabajo es un trabajo decente. Incluyendo este trabajo. Por eso, no me molestan los chistes de mal gusto [pausa], y también me divierto. Yo no soy la empresa*” (Sujeito 20 – 23 anos, Maleteiro, Masculino, Heterossexual, Católico, Universitario, Venezolano/Argentino).

Quando questionados sobre como se sentem e como se percebem atuando no mercado sexual homoerótico, os discursos revelam compreensões fragilizadas sobre relação ou associação de suas atividades laborais com as atividades consideradas inapropriadas, ilegais ou clandestinas das empresas em que atuam: “*Como já disse, a boate está aberta a qualquer pessoa que queira entrar. Meu trabalho é divulgar as festas,*

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 para atrair público. E estas coisas estão em função da casa. Seja ou não prostituição, é a casa em si, e não meu trabalho. Se eu divulgo, os clientes entram. Mas também se não divulgo, eles entram igualmente. Assim, creio que meu trabalho não influi muito” (Sujeito 03 - 21 anos, Produtor de Eventos, Masculino, Homossexual, Solteiro, Estudante Universitário, Brasileiro).*

Entre os trabalhadores sexuais é frequente o argumento de que suas profissões ou atividades laborais podem ser exercidas em qualquer outra empresa, independente de sua natureza, ramo, segmento ou interesse econômico, o que os desvincula como profissional e como pessoa do mercado sexual. Deste modo, parecem definir ou entalecer um limite de implicações moral e emocional com os estabelecimentos em que atuam, talvez, como forma de preservar a integridade das autorrepresentações ético-moral, dimensão fundamental do autoconceito (Tamayo, 1981). Por tais mecanismos parecem ainda, estabelecer ou consolidar o autorreconhecimento como profissionais íntegros, qualificados, independentemente do segmento em que operam: *“Minha profissão? Minha profissão não. Porque sou gerente. E posso ser gerente em qualquer outro lugar. Não. Nunca vivi com esse peso na consciência. Por que eu não me vejo parte desse mercado” (Sujeito 08 - 51 anos, Gerente, Feminino, Heterossexual, Divorciada, Administradora, Pós-Graduada, Brasileira).*

A pesar da evidente resistência em se reconhecer como sujeito partícipe, ainda que de forma indireta, do mercado sexual homoerótico, o discurso tende a apresentar contradição após pausa reflexiva, pela qual os sujeitos foram estimulados acessar a autoconsciência: *“Bom, no final, sim. Existe uma conexão com esse mercado. Não vou ser hipócrita e dizer que não. Porém, creio que a intensão da empresa [pausa]. Estou falando da empresa em que trabalho. A intensão é que não se participe. Ao contrario [pausa]. Como disse antes os michês são garotos com quem não tenho simpatia. Assim, que é muito complicado. Porém existe sim! Sim! Essa vinculação existe” (Sujeito 08 - 51 anos, Gerente, Feminino, Heterossexual, Administradora, Pós-Graduada, Brasileira).* Discursos semelhantes, derivado das autorreflexões estimuladas durante as entrevistas, foram reorganizados, revelando maior clareza autoperceptiva de suas participações ativas no mercado sexual homoerótico, assim como relativo ao vínculo das empresas em que atuam com o mercado do sexo.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Por fim, os dados registram que, de modo geral, estes profissionais não se reconhecem, ou desejam denominados, como “*trabalhadores sexuais*”. Para os mesmos, termo se mistura e se associa diretamente ao termo “*trabalhador do sexo*”, dificultando que a sociedade em geral, e em especial os clientes, desassociem as duas categorias de trabalhadores. Para os participantes o termo trabalhador sexual se revela pejorativo e apenas serve a depreciação de suas condutas morais e caráter, o que contribui para que sejam discriminados, estigmatizados, e inclusive, condenados moralmente pela sociedade em geral. “*¿Trabajador sexual? No. Inmediatamente la gente lo asocia así. Es como le dije: me pueden confundir con el proxeneta. Pero no asocio mi función al mercado sexual. Sé que hay un vínculo, pero trato de distanciarme. Por supuesto que me molestó al principio*” (Sujeito 24 - 30 anos, Produtor de Eventos, Masculino, Bissexual, Universitário, Argentino).

### **Considerações**

O mercado sexual homoerótico Sul-americano tem se revelado na atualidade como campo de trabalho possível à grande quantidade de pessoas, de ambos os sexos, e de variadas identidades, idades, raça/etnia, classes econômicas, escolaridade, estados civis, nacionalidades e culturas. Tanto em Recife, no Brasil, como em Buenos Aires, Argentina, verifica-se a diversidade de cargos ocupados por sujeitos que atuam em estabelecimentos comerciais vinculados ao mercado sexual, denominados trabalhadores sexuais. Ainda que estes profissionais neguem socialmente, e especialmente para si próprios, a associação de suas atividades laborais como o sexo comercial, ressalta-se suas atuações no apoio logístico as práticas sexuais comerciais operadas pelos trabalhadores do sexo. Reais executores da prostituição masculina. Os dados evidenciam que entre os trabalhadores sexuais torna-se frequente a experiencição de estados de autoconsciência reflexiva, favorecendo autoavaliações acerca de seus próprios valores morais e éticos, bem como sobre suas capacidades e competências profissionais de forma mais propositiva. Destaca-se que em algumas situações ou contextos, os estigmas e discriminações sociais vinculados ao trabalho sexual que executam contribuem significativamente para que vivenciem também estados de autofoco, de caráter ruminativo, que geram dúvidas, inseguranças e sofrimento. Muitas vezes, as

discrepâncias entre as autopercepções destes sujeitos e a forma como os outros significativos os percebem socialmente promovem alterações de humor, com impactos significativos nas autorrepresentações do self, e especiais prejuízos no autoconceito e autoestima. Ressalta-se que os resultados atendem os objetivos propostos, uma que possibilitam identificar o uso frequente dos estados de autofoco, reflexivos e ruminativos, entre os trabalhadores sexuais, e como estes influenciam seus processos de autoavaliação e autoavaliação de si, campos pertinentes ao autoconceito e autoestima; bem como revelam fatores e contextos envolvidos para que não se autorreconheçam enquanto trabalhadores sexuais, denominação que em suas concepções os equipara aos operadores da prostituição, os estigmatiza e desqualifica profissionalmente. Por fim, corrobora-se totalmente a hipótese de que através da resignificação do trabalho sexual como provedor das necessidades básicas, as atividades laborais que desenvolvem no mercado sexual homoerótico tornam-se tão dignas e honestas como quaisquer outras desempenhadas em segmentos formais e legais.

## Referências

- Agustín, L. (2005). La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. *Cadernos Pagu*, 25, 107-128.
- Agustín, L. (2005). *Trabajar en la industria del sexo, y otros tópicos migratorios*. Donostia: Tercera Prensa-Gakoa.
- Barreto, Letícia C. (2013). *Prostituição, gênero e trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco.
- Bastos, A. V. B., Pinho, A. P., & Costa, C. A. (1995). Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores de organizações formais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(6), 20-29.
- [Bigas, A. R. G. A. \(2016\). \*Relação entre a qualidade da vinculação aos pais, autoestima, autoconceito em pré-adolescentes\*. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e de Vida – ISPA. <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5103/1/20869.pdf>](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5103/1/20869.pdf)
- Bogdan, R., & Taylor, S. (1975). *Introduction to qualitative research methods: A phenomenological approach to the social sciences*. New York: Wiley.
- Borges, A. (2007). Mercado de trabalho: mais de uma década de precarização. In: G. Druck & T. Franco (Eds.), *A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização*. São Paulo: Boitempo.
- Chejter, S. (2011) *Lugar Común: la prostitución*. 1ª edición, Buenos Aires. Eudeba.

- Codo, W. (1997). Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). Em A. Tamayo, J. E. Borges-Andrade & W. Codo (Eds.), *Trabalho, organizações e cultura* (pp. 21-40). São Paulo: Cooperativa de Autores Associados.
- Correia, D. F. G. (2019). *Trabalho sexual em Portugal: regulamentação ou abolição?* (Dissertação de Mestrado). Programa de Ciências Sociais e Humanas. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal.  
<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/10122>
- Costa, P. C. G. (2002). Escala de Autoconceito no Trabalho: Construção e Validação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 075-081.  
<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a09v18n1.pdf>
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. (5ª ed). São Paulo: Cortez-Oboré.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção Online, Florianópolis*, 14(3), 27 - 34.
- Demo, D. H. (1992). The Self-Concept Over Time: Research Issues and Directions. *Annual Review of Sociology*, 18 (1992), 303-326. Published by: Annual.  
[https://libres.uncg.edu/ir/uncg/f/Demo\\_Self-Concept\\_1992.pdf](https://libres.uncg.edu/ir/uncg/f/Demo_Self-Concept_1992.pdf)
- Durval, T. S. & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic. <https://philpapers.org/rec/DUVATO>
- Elias, A. R. R., Junqueira, M. A. B., Noronha, I. C., Pereira, J., Giuliani, C. D., & Ferreira, M. C. M. (2018). Vulnerabilidades e marginalização no mundo do trabalho da prostituição. *Caderno Espaço Feminino | Uberlândia, MG | 31(2)*  
<http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/47368> doi:  
<http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v31n2-2018-15>
- Farias, G. D. (2010). *A prostituição feminina e suas representações sociais no município de três lagoas – MS nos anos de 1960*. Trabalho apresentado no IX Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis - SC.  
<http://www.campogrande.ms.gov.br/semu/wp-content/uploads/sites/26/2019/10/3-ARTIGO-PROSTITUI%C3%87%C3%83O-FEMININA-E-SUAS-REPRESENTA%C3%87%C3%95ES-SOCIAIS-EM-TR%C3%8AS-LAGOAS-MS.pdf>
- Fáveri, M., Silva, J. G., & Pedro, J. M. (2010). *Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente*. Florianópolis: Editora UDESC. ISBN: 978-85-61136-26-0.
- Ferreira, A. B. H. (2014). *Dicionário da língua portuguesa*. Edição revisada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Geertz, Clifford. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Giddens, A. (1984). *The constitution of society: on outline of the theory of structuration*. Cambridge/Berkeley: University of California Press.
- Goffman, Erving. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora LTC.

- Jeffreys, Sheila. (2011). *La indústria de la vagina*. 1ª edición. Buenos Aires: Paidós.
- Jiménez, J. A. (1999). Autoconciencia, personalidad sana y sistema autorreferente. *Anales de Psicología*, 15(2), 169-177
- L'Ècuyer, R. (1985). *El Concepto de Sí Mismo*. Barcelona, España: Oikus-Tau.
- Locke, E.A. (1976). Nature and Causes of Job Satisfaction. Em M. D. Dunnette (Org.). *Handbook of Industrial and Organizational Psychology*. Chicago: Rand McNally College Publishing Company.
- Monteiro, D. F. B., Pereira, V. F., Oliveira, L. L., Lima, O. P., & Carrieri, A. P. (2017). O Trabalho Sujo com a Morte: o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 6(1), 77-98. Doi: 10.21714/2317-2428/2017v6n1p77-98
- Morin, A. (2002). Do you “self-reflect” or “self-ruminate”? *Science e Consciousness Review - SCR*, 01. [http://psych.pomona.edu/LN\\_Dec02\\_SelfRuminage.htm](http://psych.pomona.edu/LN_Dec02_SelfRuminage.htm).
- Morin, A. (2004). Levels of Consciousness. *Science & Consciousness Review*, 2, 1-16
- Musto, C., & Trajtenberg, N. (2011). Prostitución y trabajo sexual: el estado de arte de la investigación en Uruguay. *Revista de Ciencias Sociales. DS. FCS*, 24(29), Diciembre. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3963214>
- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2013). Autoconsciência, Imagens Mentais e Mediação Cognitiva / Self-Awareness, Mental Imagery and Cognitive Mediation. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 493-505. DOI: 10.1590/S0102-79722013000300009 <https://bit.ly/2yUYfwg>
- Nascimento, A. M. (2010). *Autoconsciência, Imagens Mentais e Experiências Místicas: a Religiosidade nos processos de (re)construção do Self*. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Pernambuco, departamento de psicologia, pós-graduação em psicologia cognitiva. Registro CEP/CCS/UFPE No 337/10, 2010.
- Paiva, C. M., Ferreira, J. R., Guimarães, L. R., Barbosa, J. K. D. & Souza, C. V. (2020). Mulheres de vida fácil? Tempo, prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 60(3), 208-221. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020200304>.
- Pereira, J. R., Santos, J. V. P., Silva, A. G. C., Paiva, K. C. M., & Carrieri, A. P. (2020). Entre o sagrado e o profano: identidades, paradoxos e ambivalências de prostitutas evangélicas do baixo meretrício de Belo Horizonte. *Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro*, 18(2), 391-405. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/77568>>
- Piscitelli, A., Assis, G. O., & Olivar, J. M. N. (2011). Introdução: transitando através de fronteiras. In A. G. Piscitelli, G. de O. Assis e J. M. N. Olivar (Eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp 5-30). Campinas: Unicamp/Pagu
- Piscitelli, A. (2005). Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, 25, 281-326. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200011>

- Piscitelli, A. (2011) Actuar la brasileñidad? Tránsitos a partir del mercado del sexo. *Etnográfica*, 15(1), 5-29.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press.
- Russo, G. H. A. (2008). Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis - SC (UERN)*. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13850>
- Silva, M. T. P., Souza Neto, E. N. & Viana, N. J. Q. (2018). “Es el precio de un almuerzo”: sobre la explotación sexual de niñas y adolescentes en Sertón de Pajeú pernambucano – Brasil. *DESidades – Revista eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude* – ISSN: 2318.9282, jan/mar. [http://desidades.ufrj.br/featured\\_topic/e-o-preco-de-um-almoco-sobre-a-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes-no-sertao-do-pajeu-pernambucano-brasil/](http://desidades.ufrj.br/featured_topic/e-o-preco-de-um-almoco-sobre-a-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes-no-sertao-do-pajeu-pernambucano-brasil/)
- Silva, N. G. (2018). As muitas faces da prostituição: uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault. *Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos*, 11(1), 15-25. ISSN 1983-8921. <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/51975>
- Silva, R. A. (2006). *Prostituição: arte e manhas do ofício*. Goiana: Câne Editorial, Ed. UCC. ISBN 85-87635-34-4
- Souza Neto, E. N., & Rios, L. F. (2015). Apontamentos para uma economia política do cu entre trabalhadores sexuais. *Revista Psicologia & Sociedade*, 27(3). [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822015000300579&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822015000300579&script=sci_abstract&tlng=pt)
- Souza Neto, E. N. & Viana, N. J. Q. (2019). Trabalhar no Mercado Sexual Homoerótico Sulamericano? In: T. Oliveira (Ed.), *Homens no mercado do sexo - reflexões sobre agentes, espaços e políticas*. Salvador/BA: Devires.
- Souza Neto, E. N. (2009). *Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife*. Dissertação de Mestrado/Programa de Pós-graduação em Psicologia- UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8423>
- Souza Neto, E. N. (2018). *Placeres y displaceres de los trabajadores sexuales en el mercado sexual homoerótico sudamericano*. (Tesis Doctoral). Facultad de Psicología y Psicopedagogía. <https://racimo.usal.edu.ar/6807/>
- Souza Neto, E. N., Viana, N. J. Q., & Brasesco, V.. (2019). Trabalho, Subjetividade e Gênero no Mercado Sexual Homoerótico Sul-americano. *Congresso Dadá de Estudos de Gênero - UFRPE /Unidade de Serra Talhada*. Publicado em 20.06.2019 – ISBN: 978-85-5722-227-4
- Souza, M. G. S. & Puente-Palacios, K. E. (2011). A influência do autoconceito profissional na satisfação com a equipe de trabalho. *Estudos de Psicologia I Campinas* I 28(3) I 315-325 I julho – setembro. [https://www.researchgate.net/publication/235947375\\_A\\_influencia\\_do\\_autoconceito\\_profissional\\_na\\_satisfacao\\_com\\_a\\_equipe\\_de\\_trabalho](https://www.researchgate.net/publication/235947375_A_influencia_do_autoconceito_profissional_na_satisfacao_com_a_equipe_de_trabalho)

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Tamayo, A. (1981). EFA: Escala Fatorial de Autoconceito. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 33(4), 87-102.

Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1994). *Introducción a los Métodos Cualitativos de Investigación: la búsqueda de significados*. Barcelona/ES: Ediciones Paidós Ibérica, S.A.

Trapnell, P. D., & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the Five-Factor Model of Personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(2), 284-304..  
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10074710/>

Viana, N. J. Q. (2010). “É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro!” - desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CFCH. Psicologia.

Zveiter, A. (2017). *A Regulamentação Profissional da Prostituição*. Dissertação de Mestrado. ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.  
<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/16087>

**Recebido:20/7/2020.**

**Aceito: 29/7/2020.**

**Autores:**

**Epitacio Nunes de Souza Neto**

Faculdade Integração do Sertão – FIS  
[ensouzaneto@gmail.com](mailto:ensouzaneto@gmail.com)

**Normando José Queiroz Viana**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA  
[normando.viana@unifesspa.edu.br](mailto:normando.viana@unifesspa.edu.br)

**Alexsandro Medeiros do Nascimento**

Universidade Federal de Pernambuco  
[alexmeden@gmail.com](mailto:alexmeden@gmail.com)

**Antonio Roazzi**

Universidade Federal de Pernambuco  
[roazzi@gmail.com](mailto:roazzi@gmail.com)